

DIAGNÓSTICO TARDIO E INTERVENÇÕES

Os desafios vividos por pessoas adultas autistas no Brasil que o Estado não vê

Guilherme de Almeida

Presidente — Autistas Brasil

Pesquisador na UNICAMP

Membro — Stanford Neurodiversity Project

Audiência Pública — Comissão Especial PL 3.080/2020

Câmara dos Deputados | 24 de fevereiro de 2026

O BRASIL CONTOU SEUS AUTISTAS PELA PRIMEIRA VEZ

2,4 milhões

de brasileiros declararam ter
diagnóstico de autismo

1,2% da população

Censo IBGE 2022 — dado inédito na história do país

Mas quase todos são crianças.

O pico de diagnóstico está na faixa
de 5 a 9 anos (2,6%).

Nas faixas acima de 45 anos,
os números despencam — não porque
há menos autistas, mas porque
nunca foram diagnosticados.

O Censo contou quem já tem diagnóstico.

*Mas e os milhões de adultos que passaram a vida inteira sem saber que são autistas — que trabalham,
estudam e sofrem sem entender por quê?*

O QUE OS NÚMEROS ESCONDEM

O Censo perguntou se a pessoa já foi diagnosticada. Mas milhões nunca foram.

Prevalência em crianças de 5-9 anos: 2,6%. Em adultos acima de 45 anos: cai drasticamente. Não porque há menos autistas — porque nunca foram diagnosticados.

Mulheres: 0,9% diagnosticadas vs. 1,5% dos homens. A diferença se reduz nas faixas mais altas — sinal de diagnóstico tardio feminino sistemático.

Prevalência em brancos: 1,3%. Em pretos e pardos: 1,1%. Em indígenas: 0,9%. Menos diagnóstico, não menos autismo. Racismo estrutural no acesso.

Se aplicarmos a prevalência estimada nos Estados Unidos (2,8%), o Brasil teria ao menos 6 milhões de autistas — mais que o dobro dos diagnosticados.

2,4 milhões de diagnosticados. Mas quantos são os NÃO diagnosticados?

O QUE ACONTECE COM QUEM NÃO SABE

A vida antes do diagnóstico: uma geração que viveu sem nome para o que sentia

Infância

"É tímido", "é estranho",
"não socializa". Nenhuma
investigação.

Escola

Bullying, isolamento,
hiperfoco ignorado.
Ninguém percebe.

Adolescência

Ansiedade, depressão,
crises sensoriais.
Diagnósticos errados.

Vida adulta

Emprego instável, burnout,
relacionamentos frágeis.
"Falha de caráter."

"O diagnóstico tardio é libertador — agora sei que não sou louca, não sou depressiva, não sou burra."

— Relato de mulher autista diagnosticada aos 30 anos (Censo IBGE, 2025)

EMPREGABILIDADE: O MERCADO QUE EXCLUI

Percentual de adultos autistas que conseguem emprego formal — em nenhum país passa de 40%

Mundo (ONU, 2019)



Reino Unido



EUA / Austrália



Brasil



O dado de "85% de desemprego" amplamente citado como sendo do IBGE não existe.

O IBGE nunca produziu esse número. O Brasil simplesmente não sabe.

POR QUE AS POLITICAS DE PCD NAO FUNCIONAM PARA AUTISTAS?

Taxa de emprego por tipo de deficiência (EUA — maior estudo longitudinal, Shattuck et al., 2012)

Def. aprendizagem

79.9%

Def. fala/linguagem

76.8%

Def. intelectual

49.4%

AUTISMO

55.1%

O PARADOXO DO MÉRITO

Adultos autistas SEM deficiência intelectual na Alemanha: **50,4% têm diploma universitário** (vs. 32,5% da população), mas sua taxa de desemprego é **5x maior** que a média nacional. Educação não protege contra exclusão quando o ambiente é neuronormativo.

EDUCAÇÃO: A UNIVERSIDADE QUE NÃO ACOLHE

A vaga existe, a permanência não

A Lei de Cotas (13.409/2016) garante acesso. Mas a universidade não oferece condições para que o estudante autista aprenda, permaneça e produza conhecimento.

Avaliação inflexível

Prova escrita, tempo padrão, trabalho em grupo, apresentação oral obrigatória — formatos que desconsideram formas diferentes de processar e expressar conhecimento.

Ambiente hostil

Iluminação fluorescente, salas lotadas, ruído, socialização compulsória — o ambiente sensorial da universidade não foi pensado para a diversidade neurológica.

Núcleos de acessibilidade precários

Quando existem, operam com equipe mínima, sem formação sobre autismo, sem articulação com docentes. O estudante carrega sozinho a informação entre setores.

SAÚDE MENTAL: O PREÇO DO NÃO-DIAGNÓSTICO

70%

dos adultos autistas
convivem com ansiedade
e/ou depressão

9x

maior risco de
ideação suicida
na população autista

80%

recebem diagnósticos
psiquiátricos errados
antes do TEA

Masking (camuflagem social) + ausência de diagnóstico = esgotamento crônico.

Ansiedade, depressão, burnout autístico não são comorbidades — são consequências de um ambiente que não reconhece a neurodivergência.

O QUE O DIAGNÓSTICO TARDIO EXIGE DO ESTADO

DIAGNÓSTICO

- Protocolo de rastreio para adultos no SUS — não apenas crianças
- Capacitação de profissionais de saúde mental para reconhecer autismo em adultos, mulheres e pessoas negras
- Reduzir fila: tempo médio de espera no SUS para avaliação neurológica chega a 4 anos

EMPREGO

- Dados oficiais: incluir autismo nas pesquisas de emprego do governo
- Programas de emprego apoiado com adaptação ambiental, não apenas cota
- Processos seletivos acessíveis: entrevistas adaptadas, ambientes adequados

EDUCAÇÃO

- Núcleos de acessibilidade com equipe formada e articulada
- Formação docente obrigatória sobre neurodiversidade
- Avaliação flexível como regra, não como exceção individual

PROPOSTAS CONCRETAS PARA O PL 3.080/2020

O que precisa estar no texto da lei para que adultos autistas existam como sujeitos de direito

SAÚDE

Criar linha de cuidado para adultos no SUS com protocolo de rastreio específico. Hoje a fila para avaliação neurológica chega a 4 anos — adulto autista não pode esperar mais uma geração.

EMPREGO

Instituir programa nacional de emprego apoiado: não basta a cota da Lei 8.213/91. É preciso adaptação do ambiente (sensorial, comunicacional), mentoria e acompanhamento pós-contratação.

EDUCAÇÃO

Obrigar universidades federais a incluir autismo nos planos de acessibilidade, com formação docente e avaliação flexível. O diploma não pode continuar sendo inacessível a quem tem capacidade intelectual.

DADOS

Incluir autismo nas pesquisas oficiais de emprego e nas bases de dados trabalhistas do governo. Sem números sobre quantos adultos autistas trabalham, ganham quanto e estudaram até onde, qualquer política é cega.

AUTONOMIA

Vedar intervenções que visem à "normalização" comportamental. Garantir na lei que o consentimento informado da pessoa autista é obrigatório para qualquer intervenção — não do familiar, do tutor ou do médico.

Pessoas autistas adultas existem. Sempre existiram. O Estado é que nunca as viu.

O diagnóstico tardio não é um problema individual — é a evidência de uma política pública que, durante décadas, tratou autismo exclusivamente como questão infantil e deixou gerações inteiras sem reconhecimento, sem suporte e sem direitos.

Guilherme de Almeida

Autistas Brasil | UNICAMP | Stanford Neurodiversity Project
autistasbrasil.org